



Resenha

O DISCURSO E AS RELAÇÕES DE PODER - OS DIVERSOS LUGARES DE FALA

Raquel Carapello¹

O livro **O que é lugar de fala?**

lançado pela editora Letramento em 2017, é o primeiro da coleção Feminismos Plurais que pretende abordar questões importantes sobre os diferentes feminismos em suas pluralidades e singularidades.

Ao longo de suas 115 páginas organizadas em 4 capítulos, a autora Djamilia Ribeiro, Mestre em Filosofia Política, discorre a respeito do racismo interseccional, privilégio epistêmico, hierarquia do discurso e a necessidade de legitimar a multiplicidade de vozes.

Ao ouvir pela primeira vez sobre lugar de fala, é comum haver o questionamento sobre o que significa isso ou mesmo a crença de que, diante desse argumento de se respeitar o lugar de fala de cada um, apenas os negros podem falar sobre racismo, todos os demais discursos devem ser desconsiderados e ninguém mais pode falar sobre nenhum assunto que esteja relacionado a uma realidade que não seja a sua. É fácil associar este conceito às vivências individuais e acreditar que apenas elas oportunizam o direito deste ou daquele, falar ou não, sobre determinado assunto, de acordo com suas experiências. Em seu livro **O que é lugar de fala?** a autora Djamilia Ribeiro afirma que esta discussão está para muito além destas questões, como podemos ver:

O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social.

Quando falamos de direito à existência digna, à voz, estamos falando de lócus social, de como esse lugar imposto dificulta a possibilidade de transcendência. Absolutamente não tem a ver com uma visão essencialista de que somente o negro pode falar sobre racismo, por exemplo. (RIBEIRO, 2017, p.64).

No decorrer do livro, Djamilia Ribeiro defende que todos têm lugar de fala e que reconhece que cada um ocupa um lugar social e fala a partir dele. Ela destaca também, a existência de grupos privilegiados, que têm seu discurso legitimado em detrimento de outros e que estas relações de poder e legitimação precisam ser revistas.

[...] quem possui o privilégio social, possui o privilégio do epistêmico, uma vez que o modelo valorizado e universal da ciência é branco. A consequência dessa hierarquização legitimou como superior a epistemologia eurocêntrica conferindo ao pensamento moderno ocidental a exclusividade do que seria conhecimento válido, estruturando-o como dominante e assim inviabilizando outras experiências do conhecimento. (RIBEIRO, 2017, p. 24-25).

¹ Graduada em Pedagogia e Coordenadora de Programas Educacionais na Prefeitura de Guarulhos



Segundo a autora, lugar de fala não está relacionado às nossas vivências individuais, mas às de grupos sociais. Não se trata de cercear o direito de expressão de ninguém, mas de ampliar este direito a todos, introduzir no debate novos discursos, dar visibilidade a quem foi silenciado por conveniência durante séculos. Trata-se da busca por discursos que não sejam apenas do homem branco, heterossexual, mas que sejam daqueles que historicamente não tiveram o mesmo direito à voz. Neste sentido, a autora declara:

Ao promover uma multiplicidade de vozes o que se quer, acima de tudo, é quebrar com o discurso autorizado e único, que se pretende universal. Busca-se aqui, sobretudo, lutar para romper com o regime de autorização discursiva. (RIBEIRO, 2017, p.70)

Ribeiro (2017, p. 13) destaca a importância de reconhecermos a intersecção no racismo, ou seja, a relação entre o gênero, a raça e a classe no processo de preconceito e opressão “ao nomear as opressões de raça, classe e gênero, entende-se a necessidade de não hierarquizar opressões”.

Ela reafirma a importância de nomear estas opressões e legitimar a multiplicidade de discursos, inclusive para a implementação de políticas públicas afirmativas, que visam atenuar as desigualdades acumuladas durante séculos de colonização e escravidão e todas as outras injustiças cometidas ao longo de nossa história, os direitos negados, as desigualdades construídas. Sobre esta questão, a autora enfatiza:

Melhorar o índice de desenvolvimento humano de grupos vulneráveis deveria ser entendido como melhorar o índice de desenvolvimento humano de uma cidade, de um país. E, para tal, é preciso focar nessa realidade, ou como as feministas negras afirmam há muito: nomear. Se não se nomeia uma realidade, sequer serão pensadas melhorias para uma realidade que segue invisível. (RIBEIRO, 2017, p.41)

Foucault, (2009) em seu livro *A Ordem do Discurso* também reafirma esta importância da legitimação do discurso e sua íntima relação com as estruturas de poder:

[...] Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. (FOUCAULT, 2009, p.10).

[...] O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual queremos apoderar. (FOUCAULT, 2017, p.10).

Diante disso, a autora ressalta o papel essencial desta discussão sobre o lugar de fala e esta luta pela pluralidade do discurso, do direito de dizer, de levantar outros pontos de vista, novas perspectivas, de falar não só a respeito do racismo e preconceito, mas de abordar outros saberes, produções culturais e intelectuais, tradições, lutas, conquistas e racismo e preconceito também.



De maneira leve, porém contundente, a autora conclui que legitimar os discursos através do lugar de fala é lutar por equidade, discutir sobre a presença do povo negro nos diversos espaços, inclusive acadêmicos. Ouvi-los não é um favor, mas uma garantia de voz a quem sofreu tantas opressões. Reconhecer que todos precisam falar sobre racismo, a fim de erradicá-lo, é considerar as relações de poder construídas historicamente, refletindo sobre como cada um, a partir do seu

lugar de fala, enxerga o racismo, de que maneira é possível contribuir para romper com o preconceito e dar visibilidade aos que ainda hoje são considerados invisíveis, legitimando e fazendo ecoar ainda mais os seus discursos.

REFERÊNCIAS:

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 19. ed. São Paulo: Loyola, 2009.